

CAPÍTULO II

A GUERRA CIVIL ENTRE MUZILA E MAWEWE

Obscuras são as causas da terrível guerra civil em que, após a morte de Manucusse, se envolveram os seus dois filhos Mawewe e Muzila. O certo é que o primeiro era indivíduo praticamente desconhecido, a quem, ao que parece, jamais haviam sido confiadas responsabilidades governativas. O contrário acontecia com Muzila que, após seu pai haver partido do Mossurize, provavelmente em 1840, para estabelecer definitivamente a capital real em Chaimite, foi mandado reocupar as terras ao norte do Save, terras que governou como senhor quase absoluto desde 1842 até à morte do velho Manucusse.

Nas fontes escritas reina a maior confusão sobre os acontecimentos a que nos reportamos.

G. Mcall Theal ⁽¹⁶¹⁾ afirma que Muzila incorreu no ódio de seu pai e foi obrigado a refugiar-se no Transval. Toscano ⁽¹³⁷⁾ alega que Mawewe era filho de Domia, considerada *nkosikazi* por o seu lobolo ter sido pago pelo povo. Muzila, por seu lado, embora apenas filho de Sojamba, primeira mulher de Manucusse, fora por este indigitado como sucessor, por ser mais experimentado e popular. Segundo tradições coligidas por A. C. Myburgh ^(116A) na região então pertencente ao reino Swazi (actual distrito de Barberton, Transval), Manucusse teria indigitado como sucessor Mawewe, ainda criança quando abandonou a terra natal, deixando o seu primogénito Muzila reduzido ao papel de *ikhohlwa* (chefe da secção júnior da família). A mãe de Mawewe denominar-se-ia Dumiya, tendo o *inkosi* de Gaza dado em casamento ao rei Mswazi II duas das filhas que dela teve. Mawewe seria, por conseguinte, cunhado e não genro do

monarca swazi. Diocleciano das Neves ⁽¹¹⁹⁾ sustenta que Mawewe, apesar de ser o mais novo dos irmãos e não ter direitos de sucessão, foi proclamado *inkosi* pelos conselheiros do reino, que quiseram tirar partido pessoal da sua menoridade e inexperiência. W. Mhlanga ⁽¹⁰⁹⁾ assevera que o conflito se deveu à circunstância de Mawewe ser mais idoso do que Muzila embora oriundo de uma «casa» de menor importância relativa. Uma tradição oral recolhida no Bilene ^(27A) também afirma que uma vez terminado o período de luto, as tias e irmãs casadas do real defunto reuniram-se com os *madodas* para discutir a sucessão, tendo deliberado escolher Muzila. Em obediência ao costume foi efectivamente este que iniciou a abertura da sepultura. Mawewe, despeitado por haverem sido ignorados os seus direitos de primogénito, «procurou o apoio dos *mambossas* (nome dado aos homens além da meia idade) em que se enquadrava e lançou-se na guerra civil». Parece-nos poder inferir-se desta interessante informação que Mawewe comandava ou pelo menos pertencia ao regimento *Mamboza*, formado entre 1843 e 1848 segundo A. A. Jaques ⁽⁷⁴⁾.

Outros autores ^(174,137,163) reportam-se ao assassinato por Mawewe dos próprios irmãos e dos principais *indunas* de Muzila: Bambabaia e Matabeia. Erskine ⁽⁴⁷⁾ informa, por seu lado, que embora Muzila fosse mais velho, o direito consuetudinário dava ao *inkosi* o poder de escolher o seu sucessor. Depois de uma disputa com seu pai, Muzila deixara o país e, por tal motivo, Mawewe fora o indigitado. Este no entanto, provocara o descontentamento popular devido à desumanidade que revelara e que o conduziu ao extremo de eliminar sistematicamente todos os homens que se encontrassem inválidos para a guerra. M. M. Motenda ⁽¹⁰⁸⁾ garante que Muzila era o primogénito mas violara a norma que impedia o herdeiro do trono de contrair matrimónio legal enquanto o monarca fosse vivo. Todavia, esta versão não se coaduna com a afirmação feita por Muzila, em 1872, a St. Vicent Erskine ⁽²⁰⁾:

«Quero que anuncie que ainda não escolhi qualquer mulher para ser «Rainha do País» e que, embora já tenha seis filhos, ainda não designei o herdeiro do trono.»

O mesmo M. M. Motenda ⁽¹⁰⁵⁾ assegura que depois de Mawewe ter sido indigitado como sucessor, seu irmão, despeitado, retirou-se para Makaringue e, mais tarde, para Ramanzhe, no Transval. Cedo iniciou a luta para se apoderar do trono mas, não obtendo sucesso, refugiou-se durante dois anos junto de João Albasini, estabelecido no Transval Norte desde 1846. Posteriormente foi procurado por mensageiros dos anciãos

que suplicaram o seu regresso porque Mawewe pretendia governar sem o seu conselho e recorrendo apenas a jovens inexperientes. Auxiliado pelas forças de João Albasini, e parece que também por Magude, chefe dos Cossas, teria conseguido efectivamente bater o irmão e obrigá-lo a refugiar-se no Reino Swazi.

Segundo a cronologia de Chinangana ⁽⁷⁰⁾ o início da grande guerra de sucessão e a fuga de Muzila para o Spelonken registaram-se, no mesmo ano: 1860. Diocleciano das Neves afirma que as hostilidades rebentaram logo após a investidura de Mawewe, tendo este, auxiliado por seus tios, conseguido bater por duas vezes, primeiro ao sul depois ao norte do Save, os regimentos fiéis ao seu irmão e rival. Teria sido por esta altura que Muzila, pela primeira vez, buscara refúgio no Transval. Mas Mawewe, à testa de outro exército swazi, conseguira rechaçar o irmão e rival, obrigando-o a procurar asilo, mais uma vez, junto de João Albasini. Dataria desta altura a emigração em massa de Tsongas para o Transval, Tsongas que se estabeleceram definitivamente nas herdades dos «boers».

Lança alguma luz nestes conturbados acontecimentos um depoimento válido e inteiramente baseado na tradição oral, feito por Alberto Munane Sibia ⁽¹¹⁶⁾ natural do concelho do Baixo Limpopo e neto de um oficial, *phini*, de Mawewe, de quem, quando criança, ouviu a versão que se segue.

Manucusse, quando transferiu a sua capital do norte do Save para Chaimite (Txhayimithi) teria trazido consigo alguns vandaus e entre estes a sua primeira mulher, mãe de Muzila, cujo lobolo o monarca pagara. Mas a «mulher do país», cujo lobolo fora pago pelo povo, era uma princesa da dinastia real dos Dlamini, como tal cabendo a seu filho Mawewe a sucessão ao trono de Gaza.

Pelo direito consuetudinário tsonga a sucessão cabia a Muzila, por ser mais velho e filho de esposa mais antiga. Já pelo direito angune era Mawewe que deveria suceder.

Além disso, este último teria sido criado com os avós na Suazilândia, não gozando de especial afeição por parte de Manucusse, nem tão pouco de popularidade entre os Tsongas, que o acusavam de «desnacionalizado». O *inkosi* também demonstraria preferência pela mãe de Muzila, mais diligente, afectiva e simpática do que as arrogantes e ociosas rainhas de origem angune.

Morto Manucusse e empossado Mawewe, de harmonia com o direito sucessório da minoria conquistadora, logo o novo *inkosi* iniciou cruéis

perseguições contra o seu irmão e respectivos correligionários. Foi por isso que Muzila se refugiou com muitos tsongas junto de João Albasini.

O governo despótico de Mawewe cedo desagradara aos súbditos. Muzila, atento a esse descontentamento popular, teria gizado um plano de regresso, com o auxílio do régulo Cossa, de Magude. A primeira batalha que se travou teve lugar entre Chinhanguanine e Maholela, dela saindo derrotado Muzila. Sem desanimar, refugiou-se em L. Marques, reorganizou as suas forças e tornou a enfrentar o irmão, desta vez com sucesso, numa segunda batalha entre o rio Matola e a Moamba. Mawewe, vencido, refugiou-se na Suazilândia.

Julgando consolidado o seu poder Muzila teria regressado ao Norte do Save, na área do actual posto administrativo de Machaze, onde nasceu, «a fim de restaurar a povoação de seu pai».

Mawewe, ciente da ausência do irmão e rival, invadiu de novo o sul de Moçambique, à testa de um exército swazi. Veio no entanto, a sofrer a sua derrota final nos campos do Intimane, exilando-se definitivamente para a Suazilândia, onde faleceu em 1879.

A. Cancelas (^{27A}, P. 152) coligiu cerca de 1960, no Concelho do Bilene, a tradição de que a batalha em que Mawewe foi definitivamente derrotado se travou nas proximidades da Lagoa Chinanga, hoje na área da regedoria Uanjuculana, do Concelho do Baixo Limpopo. A. C. Myburgh (^{116A}, P. 78) por seu lado, indica como data de falecimento 1872.

Os documentos oficiais portugueses comprovam parcialmente esta versão.

É sabido que, em 1 de Dezembro de 1861, Muzila se apresentou no presídio de L. Marques a solicitar auxílio militar, em troca de submissão à Coroa de Portugal. Compreendendo a importância do acontecimento, o Governador Onofre Lourenço Duarte não hesitou em fornecer o socorro pretendido, tanto mais que Muzila vinha recomendado por João Albasini (¹⁰⁶). Das condições acordadas se lavrou uma acta, posteriormente aprovada pelo Governo Central (¹³¹).

Organizou-se então um corpo constituído pela guarnição, moradores de prestígio e guerreiros das terras da Coroa, corpo que, junto aos regimentos de Muzila e Magude totalizava 16 000 homens. No dia 16 de Dezembro de 1861 travou-se uma batalha, perto do rio Limpopo, em que o exército de 50 000 homens reunido por Mawewe foi destruído pela cerrada fuzilaria das armas distribuídas aos caçadores de elefantes. Devesmos a Diocleciano das Neves (¹¹⁸) o relato, talvez exagerado, desta batalha e bem assim, do grandioso festival de purificação mágica do exército e dos guerreiros que haviam morto inimigos.

Muzila deslocou-se ao Bilene em princípios de 1862 para marcar presença. Mas seu irmão, graças mais uma vez a alguns regimentos cedidos pelo sogro ou cunhado, conseguiu de novo batê-lo e obrigá-lo a retirar em direcção à Muscapa ⁽⁹²⁾. Porém, Muzila logo retrocedeu e, sempre com o auxílio do Governador Onofre, inflingiu outra derrota às forças do seu irmão, nos campos da Moamba, em 17 e 20 de Agosto de 1862 forçando-o a refugiar-se de novo nas terras do sogro ou cunhado ⁽¹³¹⁾.

Finalmente Muzila, em 1863, decerto com o auxílio não só das forças vindas das terras da Coroa como também do exército privativo de João Albasini como é sugerido na cronologia de Chinangana ⁽⁷⁶⁾ conseguiu derrotar definitivamente Mawewe, nas margens do Mezimchope.

Todavia, uma carta contemporânea ⁽⁹²⁾ permite conhecer que Mawewe, auxiliado pelos Swazis e pelo régulo da Moamba, ainda invadiu e saqueou por mais três vezes as Terras de Coroa, apoderando-se de muito gado, marfim e fazendas e chegando ao arrojo de ameaçar o Presídio.

Erskine ⁽⁴⁷⁾ confirma que os regimentos swazis tentaram por três vezes, auxiliar Mawewe a reconquistar o poder. Durante a terceira tentativa foram tão elevadas as baixas que sofreram por sede e doenças tropicais que se recusaram a voltar a assisti-lo. Myburgh ^(116A) recolheu idêntica tradição. Repetiu-se pois o fracasso da expedição enviada em 1828 por Chaka contra Sochangana.

Dioclaciano das Neves afirma ter intercedido, junto do rei Mswati para cessar o auxílio militar a seu genro ou cunhado e esclarece:

«Finalmente, uma embaixada do Muzila, portadora de importante quantidade de marfim; foi ao Mussuate com um recado nosso, e a guerra terminou para sempre. O certo é que já antes da morte do rei swazi ocorrida em 1868, haviam cessado as tentativas de Mawewe para reocupar o trono».

Dispomos, felizmente, de uma investigação valiosa sobre o território concedido pelo rei swazi a Mawewe e sobre a descendência que ali deixou ^(116A). Esse território chamava-se eNtabenezimpisi e Nhlanguyavuka, compreendendo toda a parte oriental do actual distrito de Barberton. Ali estabeleceu várias capitais distritais, sendo conhecidos os nomes de onze dentre elas. O mesmo autor conseguiu identificar cinco das suas esposas e respectivos filhos. Teria falecido cerca de 1872 na povoação de Kwa-Shayaza, no distrito de Piggs Peak. Radicam-se na sua

genealogia os chefes das comunidades tribais designadas por Mkhatjwa (de Miyomo e de Mbambiso).

É interessante notar que o território chope pouco foi afectado pela implacável guerra civil. Um significativo testemunho é, a esse respeito, fornecido por Erskine (⁴⁸) que em 1871 deparou já povoada uma região do vale do Limpopo deserta em 1868. O chefe local Intxi-Intxi, informou-o que durante oito a nove anos estivera refugiado entre os Chopes, os quais, a título de retribuição, lhe haviam exigido todo o gado que possuía.